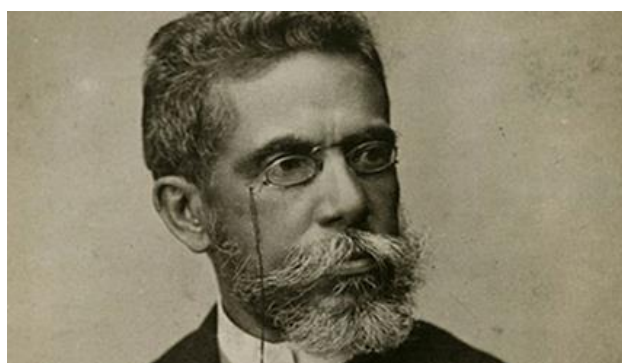


Machado de Assis: características gerais

Resumo

Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis é um dos maiores nomes da literatura brasileira. De origem humilde e mestiça, o carioca, gago e epilético, nascido no Morro do Livramento, atuou como jornalista, cronista, crítico, dramaturgo e poeta, superando os preconceitos através de seu inegável talento autodidata. O primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras é o principal nome do Realismo brasileiro, mas sua obra deixou um legado para diferentes estilos e gêneros literários.



Características machadianas

As obras machadianas eram produzidas, em sua maioria, em prosa e com o aprofundamento psicológico de personagens e, um dos elementos mais significativos, é o posicionamento do narrador. Com caráter persuasivo, o narrador –que por muitas vezes também é personagem– é ativo ao longo do enredo e dialoga o tempo inteiro com o leitor. Além disso, em alguns momentos, interfere no enredo e admite uma posição provocadora sobre seu posicionamento, incitando que o interlocutor também pense da mesma forma.

Outro ponto interessante a ser abordado, é o da descrição feminina, que está longe da figura idealizada da escola Romântica. Aqui, a mulher é mais concreta, abordada não só por suas qualidades, mas também por seus defeitos. É uma mulher real, sem ser fantasiada pelo narrador. Por fim, a ironia machadiana e o ceticismo também são uns dos principais aspectos que fazem referência ao autor. Com um toque humorístico e, por muitas vezes sutil, estes conseguem expressar – com inteligência – as verdadeiras intenções do autor, fazendo abordagens sobre a hipocrisia humana, as relações por interesse, o adultério, a infelicidade no casamento, a ascensão social, o egocentrismo, entre outras.

TEXTO I

Capítulo XXXIII: O penteado

Capitu deu-me as costas, voltando-se para o espelhinho. Peguei-lhe dos cabelos, colhi-os todos e entrei a alisá-los com o pente, desde a testa até as últimas pontas, que lhe desciam à cintura. Em pé não dava jeito: não esqueceste que ela era um nadinha mais alta que eu, mas ainda que fosse da mesma altura. Pedi-lhe que se sentasse.

– Senta aqui, é melhor.

Sentou-se. “Vamos ver o grande cabeleireiro”, disse-me rindo. Continuei a alisar os cabelos, com muito cuidado, e dividi-os em duas porções iguais, para compor as duas tranças. Não as fiz logo, nem assim depressa, como podem supor os cabeleireiros de ofício, mas devagar, devagarinho, saboreando pelo tacto aqueles fios grossos, que eram parte dela. O trabalho era atrapalhado, às vezes por desazo, outras de propósito, para desfazer o feito e refazê-lo. Os dedos roçavam na nuca da pequena ou nas espáduas vestidas de chita, e a sensação era um deleite. Mas, enfim, os cabelos iam acabando, por mais que eu os quisesse intermináveis. Não pedi ao céu que eles fossem tão longos como os da Aurora, porque não conhecia ainda esta divindade que os velhos poetas me apresentaram depois; mas, desejei penteá-los por todos os séculos dos séculos, tecer duas tranças que pudessem envolver o infinito por um número inominável de vezes. Se isto vos parecer enfático, desgraçado leitor, é que nunca penteastes uma pequena, nunca pusestes as mãos adolescentes na jovem cabeça de uma ninfa...Uma ninfa! Todo eu estou mitológico. Ainda há pouco, falando dos seus olhos de ressaca, cheguei a escrever Tétis; risquei Tétis, risquemos ninfas; digamos somente uma criatura amada, palavra que envolve todas as potências cristãs e pagãs. Enfim, acabei as duas tranças. Onde estava a fita para atar-lhes as pontas? Em cima da mesa, um triste pedaço de fita enxovalhada. Juntei as pontas das tranças, uni-as por um laço, retoquei a obra, alargando aqui, achatando ali, até que exclamei:

– Pronto!

– Estará bom?

– Veja no espelho.

Em vez de ir ao espelho, que pensais que fez Capitu? Não vos esqueçais que estava sentada, de costas para mim. Capitu derreou a cabeça, a tal ponto que me foi preciso acudir com as mãos e ampará-la; o espaldar da cadeira era baixo. Inclinei-me depois sobre ela, rosto a rosto, mas trocados, os olhos de um na linha da boca do outro. Pedi-lhe que levantasse a cabeça, podia ficar tonta, machucar o pescoço. Cheguei a dizer-lhe que estava feia; mas nem esta razão a moveu.

– Levanta, Capitu!

Não quis, não levantou a cabeça, e ficamos assim a olhar um para o outro, até que ela abrochou os lábios, eu desci os meus, e...

Grande foi a sensação do beijo; Capitu ergueu-se, rápida, eu recuei até à parede com uma espécie de vertigem, sem fala, os olhos escuros. Quando eles me clarearam, vi que Capitu tinha os seus no chão. Não me atrevi a dizer nada; ainda que quisesse, faltava-me língua. Preso, atordoado, não achava gesto nem ímpeto

que me descolasse da parede e me atirasse a ela com mil palavras cálidas e mimosas...Não mofes dos meus quinze anos, leitor precoce. Com dezessete, Des Grieux (e mais era Des Grieux) não pensava ainda na diferença dos sexos.

Disponível em: http://www.ibiblio.org/ml/libri/a/AssisJMM_DomCasmurro/node33.html

TEXTO II

Capítulo CXV: O almoço

Não a vi partir; mas à hora marcada senti alguma coisa que não era dor nem prazer, uma coisa mista, alívio e saudade, tudo misturado, em iguais doses. Não se irrite o leitor com esta confissão. Eu bem sei que, para titilar-lhe os nervos da fantasia, devia padecer um grande desespero, derramar algumas lágrimas, e não almoçar. Seria romanesco; mas não seria biográfico. A realidade pura é que eu almocei, como nos demais dias, acudindo ao coração com as lembranças da minha aventura, e ao estômago com os acepipes de M. Prudhon... (...)

Disponível em: http://www.ibiblio.org/ml/libri/a/AssisJMM_MemoriasPostumas/node118.html

TEXTO III

Capítulo CXXV : Epitáfio

AQUI JAZ
D. EULÁLIA DAMASCENA DE BRITO
MORTA
AOS DEZENOVE ANOS DE EDADE
ORAI POR ELA!

Disponível em: http://www.ibiblio.org/ml/libri/a/AssisJMM_MemoriasPostumas/node128.html

TEXTO IV

Capítulo CXXVI: Desconsolação

O epitáfio diz tudo. Vale mais do que se lhes narrasse a moléstia de Nhã-loló, a morte, o desespero da família, o enterro. Ficam sabendo que morreu; acrescentarei que foi por ocasião da primeira entrada da febre amarela. Não digo mais nada, a não ser que a acompanhei até o último jazigo, e me despedi triste, mas sem lágrimas. Concluí que talvez não a amasse deveras.

(...)

Se não contei a morte, não conto igualmente a missa do sétimo dia. A tristeza de Damasceno era profunda; esse pobre homem parecia uma ruína. Quinze dias depois estive com ele; continuava inconsolável,

e dizia que a dor grande com que Deus o castigara fora ainda aumentada com a que lhe infligiram os homens. Não me disse mais nada. (...)

TEXTO V**Capítulo LV: O velho diálogo de Adão e Eva**

BRÁS CUBAS

.....

VIRGÍLIA

.....

BRÁS CUBAS

.....

VIRGÍLIA

.....!

BRÁS CUBAS

.....

VIRGÍLIA

.....?

.....

BRÁS CUBAS

.....

VIRGÍLIA

.....?

BRÁS CUBAS

.....

.....!

.....!

VIRGÍLIA

.....?

BRÁS CUBAS

.....!

VIRGÍLIA

.....!

Disponível em: http://www.ibiblio.org/ml/libri/a/AssisJMM_MemoriasPostumas/node58.html**TEXTO VI****O Alienista** (fragmento)

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

—A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isso, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas. Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lhe. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes. Se além dessas prendas, —únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um régimen alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência,—explicável, mas inqualificável,—devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção,—o recanto psíquico, o exame de patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de "louros imarcescíveis", — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000012.pdf>

TEXTO VII

Capítulo CXXXVI: Inutilidade

Mas, ou muito me engano, ou acabo de escrever um capítulo inútil.

Disponível em: http://www.ibiblio.org/ml/libri/a/AssisJMM_MemoriasPostumas/node139.html

TEXTO VIII

Capítulo CXXXVIII: A um crítico

Meu caro crítico,

Algumas páginas atrás, dizendo eu que tinha cinquenta anos, acrescentei: "Já se vai sentindo que o meu estilo não é tão lesto como nos primeiros dias." Talvez aches esta frase incompreensível, sabendo-se o meu atual estado; mas eu chamo a tua atenção para a subtileza daquele pensamento. O que eu quero dizer não é que esteja agora mais velho do que quando comecei o livro. A morte não envelhece. Quero dizer, sim,

que em cada fase da narração da minha vida experimento a sensação correspondente. Valha-me Deus! é preciso explicar tudo.

Disponível em: http://www.ibiblio.org/ml/libri/a/AssisJMM_MemoriasPostumas/node141.html

TEXTO IX

Capítulo XXI: O almocreve

Vai então, empacou o jumento em que eu vinha montado; fustiguei-o, ele deu dois corcovos, depois mais três, enfim mais um, que me sacudiu fora da sela, e com tal desastre, que o pé esquerdo me ficou preso no estribo; tento agarrar-me ao ventre do animal, mas já então, espantado, disparou pela estrada afora. Digo mal: tentou disparar, e efetivamente deu dois saltos, mas um almocreve, que ali estava, acudiu a tempo de lhe pegar na rédea e detê-lo, não sem esforço nem perigo. Dominado o bruto, desvencilhei-me do estribo e pus-me de pé.

– Olhe do que vosmecê escapou, disse o almocreve.

E era verdade; se o jumento corre por ali fora, contundia-me deveras, e não sei se a morte não estaria no fim do desastre; cabeça partida, uma congestão, qualquer transtorno cá dentro, lá se me ia a ciência em flor. O almocreve salvara-me talvez a vida; era positivo; eu sentia-o no sangue que me agitava o coração. Bom almocreve! enquanto eu tornava à consciência de mim mesmo, ele cuidava de consertar os arreios do jumento, com muito zelo e arte. Resolvi dar-lhe três moedas de ouro das cinco que trazia comigo; não porque tal fosse o preço da minha vida, – essa era inestimável; mas porque era uma recompensa digna da dedicação com que ele me salvou. Está dito, dou-lhe as três moedas.

– Pronto, disse ele, apresentando-me a rédea da cavalgadura.

– Daqui a nada, respondi; deixa-me, que ainda não estou em mim...

– Ora qual!

– Pois não é certo que ia morrendo?

– Se o jumento corre por aí fora, é possível; mas, com a ajuda do Senhor, viu vosmecê que não aconteceu nada.

Fui aos alforjes, tirei um colete velho, em cujo bolso trazia as cinco moedas de ouro, e durante esse tempo cogitei se não era excessiva a gratificação, se não bastavam duas moedas. Talvez uma. Com efeito, uma moeda era bastante para lhe dar estremeções de alegria. Examinei-lhe a roupa; era um pobre diabo, que nunca jamais vira uma moeda de ouro. Portanto, uma moeda. Tirei-a, via-a reluzir à luz do sol; não a viu o almocreve, porque eu tinha-lhe voltado as costas; mas suspeitou-o talvez, entrou a falar ao jumento de um modo significativo; dava-lhe conselhos, dizia-lhe que tomasse juízo, que o «senhor doutor» podia castigá-lo; um monólogo paternal. Valha-me Deus! até ouvi estalar um beijo: era o almocreve que lhe beijava a testa.

– Olé! exclamei.

– Queira vosmecê perdoar, mas o diabo do bicho está a olhar para a gente com tanta graça...

Ri-me, hesitei, meti-lhe na mão um cruzado em prata, cavalguei o jumento, e segui a trote largo, um pouco vexado, melhor direi um pouco incerto do efeito da pratinha. Mas a algumas braças de distância, olhei para trás, o almocreve fazia-me grandes cortesias, com evidentes mostras de contentamento. Adverti que

devia ser assim mesmo; eu pagara-lhe bem, pagara-lhe talvez demais. Meti os dedos no bolso do colete que trazia no corpo e senti umas moedas de cobre; eram os vinténs que eu devera ter dado ao almocreve, em lugar do cruzado em prata. Porque, enfim, ele não levou em mira nenhuma recompensa ou virtude, cedeu a um impulso natural, ao temperamento, aos hábitos do ofício; acresce que a circunstância de estar, não mais adiante nem mais atrás, mas justamente no ponto do desastre, parecia constituir-lo simples instrumento de Providência; e de um ou de outro modo, o mérito do ato era positivamente nenhum. Fiquei desconsolado com esta reflexão, chamei-me pródigo, lancei o cruzado à conta das minhas dissipações antigas; tive (por que não direi tudo?), tive remorsos.

Disponível em: http://www.ibiblio.org/ml/libri/a/AssisJMM_MemoriasPostumas/node24.html

Quer ver este material pelo Dex? Clique [aqui](#)

Exercícios

1. “Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volatim, que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te.”
(Memórias póstumas de Brás Cubas – Machado de Assis)

Sobre o texto mostrado, pode-se dizer que:

- a) o autor faz uma abordagem superficial da situação.
 - b) o autor preocupa-se com os detalhes, por meio de minuciosa descrição.
 - c) o autor dá relevância a outras circunstâncias, negligenciando o foco do assunto.
 - d) o autor não mostra preocupação com o discernimento do leitor, pois apenas sugere situações.
 - e) contempla a si próprio, num ritual egocêntrico e narcisista.
2. No trecho abaixo, o narrador, ao descrever a personagem, critica sutilmente um outro estilo de época: o romantismo.
- “Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação.”

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1957.

A frase do texto em que se percebe a crítica do narrador ao romantismo está transcrita na alternativa:

- a) ... o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas ...
- b) ... era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça ...
- c) Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, ...
- d) Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos ...
- e) ... o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação.

3. Capítulo III

Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que esta aqui na sala: um Mefistófeles e um Fausto. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja – primor de argenteria, execução fina e acabada. O criado esperava teso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cedeu com pena. O seu bom pajem, que ele queria pôr na sala, como um pedaço da província, nem pôde deixar na cozinha, onde reinava um francês, Jean; foi degradado a outros serviços.

ASSIS, M. *Quincas Borba*. In: *Obra completa*. V.1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993 (fragmento).

Quincas Borba situa-se entre as obras-primas do autor e da literatura brasileira. No fragmento apresentado, a peculiaridade do texto que garante a universalização de sua abordagem reside

- a) No conflito entre o passado pobre e o presente rico, que simboliza o triunfo da aparência sobre a essência.
- b) No sentimento de nostalgia do passado devido à substituição da mão de obra escrava pela dos imigrantes.
- c) Na referência a Fausto e Mefistófeles, que representam o desejo de eternização de Rubião.
- d) Na admiração dos metais por parte de Rubião, que metaforicamente representam a durabilidade dos bens produzidos pelo trabalho.
- e) Na resistência de Rubião aos criados estrangeiros, que reproduz o sentimento de xenofobia.

4. Assinale a alternativa correta sobre Machado de Assis.

- a) Desde o início de sua carreira literária, seguiu de forma rigorosa os cânones da estética realista, produzindo romances cuja base temática se apoia no determinismo cientificista.
- b) Privilegiou a sondagem dos misteriosos motivos psicológicos que atuam sobre o comportamento humano, atitude que o particularizou no contexto do Realismo ortodoxo do século XIX.
- c) Retrato, de acordo com princípios do Naturalismo, a degradação da sociedade burguesa de sua época, criando personagens marcados por fortes traços patológicos.
- d) Embora tenha adotado o estilo realista, defendeu a tese de que a única salvação para o homem estaria na religião.
- e) Sua obra é marcada por forte influência romântica, derivando daí a acentuada idealização do espírito humano tematizada em seus textos.

5. “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai logo que teve aragem dos quinze contos sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raías de um capricho juvenil.
- Dessa vez, disse ele, vais para Europa, vais cursar uma Universidade, provavelmente Coimbra, quero-te homem sério e não arruador e não gatuno.
- E como eu fizesse um gesto de espanto:
- Gatuno, sim senhor, não é outra coisa um filho que me faz isso.”

Machado de Assis – Memórias póstumas de Brás Cubas

De acordo com essa passagem da obra, pode-se antecipar a visão que Machado de Assis tinha sobre as pessoas e sobre a sociedade. A esse respeito, assinale a alternativa correta.

- a) O amor é fruto de interesse e compõe o pilar das instituições hipócritas.
- b) O amor, se sincero, supera todas as barreiras, inclusive as financeiras.
- c) O caráter autoritarista moldava as relações familiares, principalmente entre pai e filho.
- d) Havia medo de que a marginalidade envolvesse os jovens daquela época.
- e) O amor era glorificado e apontado como o único caminho para redimir as pessoas.

6. **CAPÍTULO 73 - O Luncheon**

O despropósito fez-me perder outro capítulo. Que melhor não era dizer as coisas lisamente, sem todos estes solavancos! Já comparei o meu estilo ao andar dos ébrios. Se a ideia vos parece indecorosa, direi que ele é o que eram as minhas refeições com Virgília, na casinha da Gamboa, onde às vezes fazíamos a nossa patuscada, o nosso luncheon. Vinho, frutas, compotas. Comíamos, é verdade, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces, de olhares ternos, de criancices, uma infinidade desses apartes do coração, aliás o verdadeiro, o ininterrupto discurso do amor. Às vezes vinha o arrufo temperar o nímio adocicado da situação. Ela deixava-me, refugiava-se num canto do canapé, ou ia para o interior ouvir as denguiques de Dona Plácida. Cinco ou dez minutos depois, reatávamos a palestra, como eu reato a narração, para desatá-la outra vez. Note-se que, longe de termos horror ao método, era nosso costume convidá-lo, na pessoa de Dona Plácida, a sentar-se conosco à mesa; mas Dona Plácida não aceitava nunca.

(*) Luncheon (Ing.): lanche, refeição ligeira, merenda.

Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas.

No trecho “se a ideia vos parece indecorosa”, revela-se:

- a) o grau de desfaçatez e até de imprudência que o narrador imprime a sua relação com o leitor.
- b) que o narrador substitui uma comparação inapropriada e até chula, por uma comparação propriamente decorosa.
- c) que o narrador censura o pundonor exagerado e deslocado da personagem Dona Plácida.
- d) o peso da censura que, na sociedade patriarcal do século XIX, recaía sobre a prática do adultério.
- e) que o narrador reforma seu estilo por respeito à leitora elegante, pertencente às classes superiores, cujos interesses Machado de Assis defendia.

7. A propósito de Dom Casmurro, de Machado de Assis, é correto afirmar:
- a) A narrativa de Bento Santiago é comparável a uma acusação: aproveitando sua formação jurídica, o narrador pretende configurar a culpa de Capitu.
 - b) O artifício narrativo usado é a forma de diário, de modo que o leitor receba as informações do narrador à medida que elas acontecem, mantendo-se assim a tensão.
 - c) Elegendo a temática do adultério, o autor resgata o romantismo de seus primeiros romances, com personagens idealizadas entregues à paixão amorosa.
 - d) O espaço geográfico e social representado é situado em uma província do Império, buscando demonstrar que as mazelas sociais não são prerrogativa da Corte.
 - e) Bentinho desejava a morte de Escobar (até tentou envenená-lo uma vez), a ponto de se sentir culpado quando o ex amigo morreu afogado.
8. "Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis [...]".
Neste trecho, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis:
- a) surpreende o leitor com um vocabulário exótico e comparações inesperadas.
 - b) dá seu depoimento autobiográfico e impressionista, através de um estilo rebuscado e colorido.
 - c) explora com muita felicidade a "psicologia feminina", razão pela qual foi aceito com entusiasmo pelo público ansioso de uma literatura romântica.
 - d) focaliza o emergente proletariado fluminense e os interesses ocultos por trás de suas ações aparentemente triviais.
 - e) dá um exemplo da ironia e do humor característicos de sua obra, frutos de um profundo pessimismo.

9. **TEXTO I**

(...) estás sempre aí, bruxo alusivo e zombeteiro,
que revolves em mim tantos enigmas.

Carlos Drummond de Andrade (em poema dedicado a Machado de Assis)

TEXTO II

Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro (...). Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; — e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas (...). Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos.

Machado de Assis

"Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos."

Assinale a afirmação correta sobre os exemplos apresentados no texto.

- a) Correspondem a estratégia argumentativa para persuadir o interlocutor de que há uma alma exterior.
- b) Funcionam como digressões, isto é, desvios com relação ao tema de teor espiritualista presente na afirmação inicial.
- c) Usados ironicamente, invalidam a tese, já que provam a tendência materialista e consumista, inata no homem.
- d) Contrariam a tese, na medida em que indicam coisas concretas, o que provoca efeito humorístico.
- e) Embora indiquem coisas concretas, confirmam o desapego humano à materialidade do mundo.

- 10.** Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos.

Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas.

A leitura do excerto permite inferir vários traços de caráter do narrador-personagem. Entre os traços relacionados abaixo, o único que NÃO é abonado ou confirmado pelo texto é o que está em

- a) Exibicionismo
- b) Populismo
- c) Presunção
- d) Irreverência
- e) Vaidade

Gabarito

1. **C**
Aqui nota-se que a resposta correta é a alternativa C, porque o narrador divaga, conversa, faz rodeios, antes de contar qual é o real objetivo da história.
2. **A**
A crítica contida no fragmento é em relação à idealização exagerada dos românticos que enfeitavam demais a realidade e apagavam os defeitos.
3. **A**
Para atender às exigências que o novo status social impõe, Rubião precisa mudar traços de sua origem mineira e pobre, segundo a obra. Dessa forma, a alternativa correta é a letra A, pois revela o conflito entre o passado pobre e o presente rico.
4. **B**
Machado escreveu sobre as pessoas e suas personalidades sem caráter maniqueísta, explorado o comportamento humano e suas plurais nuances.
5. **A**
Uma das características das obras de Machado é a crítica às instituições sociais. Aqui, o romance é criticado, quando Marcela ama na realidade o dinheiro e não Brás Cubas.
6. **A**
O modo irônico e descarado como o narrador se dirige ao interlocutor (leitor) é uma característica da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
7. **A**
Bentinho passa a narrativa inteira moldando seu discurso e contando os fatos a partir de perspectiva única, para acusar Capitu de traição, justificando, às custas dela, seu fim solitário e amargurado.
8. **E**
Neste fragmento da obra de Machado de Assis, é possível perceber a ironia do autor ao retratar um relacionamento motivado pelo interesse financeiro, revelando um pessimismo sobre o caráter do ser humano.
9. **A**
Os três textos tratam do mesmo tema, apresentando defesas de que há elementos representativos de almas externas, comprovando sua existência. Além disso, a apresentação de exemplos daquilo que se afirma é uma característica de Machado de Assis.
10. **B**
Ao dizer que foi acompanhado ao cemitério por apenas onze amigos, o narrador (defunto) mostra que não era popular.